



CAIS DO ABANDONO



EXPLORAÇÃO CRUEL E CONSTANTE

O governo federal registrou mais de 32 mil denúncias de violência sexual contra crianças e adolescentes. Especialistas alertam para o aumento de casos em áreas portuárias

» LEILANE MENEZES
» HELENA MADER
» MONIQUE RENNE (FOTOS)

Em meio ao vaivém de pequenos barcos e de navios estrangeiros, meninas miseráveis trocam os brinquedos e os uniformes escolares por roupas sensuais e exibem-se no cais. Vendem o corpo a turistas ou a estivadores e negociam a inocência por algum trocado. Das sucessivas violações de direitos da criança registradas diariamente nos portos brasileiros, a exploração sexual é a mais cruel e uma das mais recorrentes. Com a proximidade da Copa do Mundo e o aumento do fluxo de visitantes, entidades de defesa da infância fazem um triste prognóstico: a incidência de casos de abuso de meninos e meninas em áreas portuárias tende a crescer sem controle.

O Correio publica desde ontem a série Cais do abandono, que mostra as principais violências contra crianças em terminais fluviais e marítimos. Não existem estatísticas de violações de direitos da criança nos portos. Mas os dados nacionais dão uma amostra de como a infância é desrespeitada no país. No ano passado, em todo o Brasil, a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República recebeu 124 mil denúncias e 26% dos casos eram relativos a situações de violência sexual contra meninos e meninas — o equivalente a 32,2 mil casos de abuso e exploração. Essa foi a quarta denúncia mais recorrente entre as registradas pelo Disque 100, atrás somente da negligência e das violências física e psicológica.

Apesar da gravidade do problema, o repasse de recursos federais para o programa de ações integradas de enfrentamento ao abuso, tráfico e exploração sexual de crianças (Pair) no país está em queda. Em 2011, segundo informações do site Transparência Brasil, o governo destinou R\$ 4,8 milhões para essa rubrica. No ano seguinte, o valor caiu à metade: R\$ 2,4 milhões. Em 2013, foi registrado o mesmo percentual de queda e os investimentos chegaram a R\$ 1,3 milhão.

Recentemente, Fortaleza estampou as páginas de um jornal britânico como a "capital brasileira da exploração sexual". A rede de abusos contra meninos e meninas é mundialmente famosa. A organização tem aliciadores, taxistas, grandes cafetões e termina no elo mais frágil da corrente: as crianças e adolescentes que se submetem a relações sexuais com homens muito mais velhos. A pobreza, o uso de drogas e a falta de estrutura familiar criam o ambiente favorável à exploração.

Na gangorra

Em uma tarde de sábado, Maria*, 14 anos, tomava banho de mar com dois turistas, em área próxima ao Porto de Mucuripe. Sem cerimônia, tirou o short velho e a blusa apertada que vestia. Entrou na água com a roupa de baixo, feita de algodão e renda vermelha, corroída tanto pelo sal quanto pelo tempo. Os homens aparentavam ter o triplo da idade da garota, mas isso não foi impedimento para uma proposta sexual. Maria não aceitou. Ainda não se acostumou com as mudanças no corpo magro e despreparado para receber uma gravidez. Sente enjoos e muito sono. Três meses atrás, Maria engravidou. Não sabe o nome, a nacionalidade nem se lembra do rosto do homem que será o pai do bebê. Sabe apenas que a criança é fruto de uma relação sexual em troca de dinheiro para droga. "Às vezes, eles dão R\$ 10, em outros casos dão até R\$ 100, mas é difícil achar um gente boa", diz a adolescente.

Quem vê Maria no vaivém do balanço ou da gangorra, no parquinho da orla da Avenida Beira Mar, não imagina que, em breve, ela se tornará mãe. "A rua é boa por causa da liberdade. Já pensei em estudar, mas não é para mim não", afirma a menina, que não tem planos de sair da rua. "Minha mãe mora na rua, eu moro na rua, porque que ele (o bebê) também não pode? Abrigo é que não é lugar de gente", reclamou.

Maria é acompanhada de perto por educadores da Rede Aquarela, projeto mantido pela Secretaria de Cidadania e Direitos Humanos de Fortaleza. Os agentes sociais fazem trabalho de busca ativa, que consiste em abordar os adolescentes e as crianças nas ruas, aproximar-se deles e estabelecer relação de amizade. É papel do educador encaminhar os jovens em situação de rua a ONGs ou programas do governo. Liduína Soares, 43, é educadora há seis anos. "Todos os dias, encontramos meninos e meninas que se vendem por muito pouco, por não terem outra opção. Alguns têm família, mas as próprias mães apoiam, levam as filhas para os aliciadores, porque querem o dinheiro. Nós tentamos fazer um trabalho de aproximação com toda a família, quando há esse núcleo", afirma Liduína.

A Avenida Beira Mar é foco de exploração e fica a poucos metros do Porto do Mucuripe, onde turistas desembarcarão para os jogos da Copa do Mundo. O governo federal investiu R\$ 202 milhões na expansão do porto, mas as melhorias não se refletiram nas comunidades ao redor. A preocupação em receber os visitantes com conforto é alimentada pelo interesse que Fortaleza desperta em visitantes estrangeiros. Ingressos para o jogo entre Brasil e México, na Arena Castelão, em Fortaleza, reformada ao custo de R\$ 518 milhões, foram os mais procurados por turistas, segundo a Fifa. Durante a Copa das Confederações, em 2013, a capital cearense foi a segunda sede mais visitada, ficando atrás apenas do Rio de Janeiro. Maria não estará no meio da multidão para torcer pelo Brasil.



Kelly, Marta e Joana fugiram de casa e vivem na rua, em Salvador: manobras pela sobrevivência

PONTO DE TRÁFICO E PROSTITUIÇÃO

A pujança econômica do Porto de Suape, a 40km do Recife, não se reflete nas comunidades vizinhas. Só nos últimos cinco anos, mais de 40 mil pessoas mudaram-se para o entorno do terminal para trabalhar, atraídas por salários mais altos que a média. Cidades pequenas e, até então, pacatas viram a violência aumentar, o uso de drogas tornar-se comum e a exploração sexual ser utilizada como fonte de renda de famílias com numerosos filhos. Cabo de Santo Agostinho (PE) é uma das regiões mais afetadas pela presença da vizinha Suape. Com 185 mil habitantes, a cidade tornou-se ponto de tráfico e de prostituição, sem qualquer reforço na rede de proteção ao menor de idade. Em março, o Conselho Tutelar de Cabo de Santo Agostinho ficou fechado durante 10 dias, por falta de pagamento de energia elétrica. Apenas uma Kombi transporta os conselheiros. O carro quebra com frequência e é preciso trabalhar a pé.

Luana*, 13 anos, é uma das jovens assistidas pelo Conselho Tutelar da região do Cabo. Aos 11, ela fugiu de casa pela primeira vez. Sem mala ou documentos, mudou-se para Porto de Galinhas com o marido da irmã, um homem de 28 anos, traficante e usuário de drogas. "Fiquei um ano com ele. Dormia com um revólver do lado do travesseiro, para proteger a boca de fumo. Eu usava droga também, em troca eu dormia com ele. Depois, ele cansou, eu também. Eu tinha 12 anos", relata Luana.

O nome masculino tatuado no braço da menina não a deixa esquecer que foi tratada como objeto e propriedade. Seduzida, ela deixou que o traficante a marcasse como gado. As feridas invisíveis, porém, superam as cicatrizes externas. "Eu era criança quando ele me levou. Eu me arrependi de ter gostado dele", confessa. Luana é dependente química. Sai com os homens da cidade em troca de uma porção de crack ou de maconha. Em dezembro, foi estuproada por dois homens e os denunciou à Justiça. Desde então, é ameaçada de morte pelos algozes, que estão soltos.

Há meses, Luana frequenta a igreja evangélica, levada pela mãe, e tenta encontrar felicidade. Planeja estudar e arrumar emprego, para iniciar tratamento dentário. Luana nunca foi ao dentista, também não frequenta a escola. "Não gosto de sonhar alto, porque chega bem ali na frente e não acontece. Então, é melhor nem sonhar muito", afirma, com a voz e o pensamento endurecidos.

Em nota, a empresa Suape – Complexo Industrial Portuário Governador Eraldo Gueiros informou que "atua como articuladora nas comunidades residentes na região, dispendo de equipe especializada para realizar o acompanhamento social das famílias, a partir de visitas técnicas e levantamento das comunidades". A empresa explicou ainda que investe R\$ 4,6 milhões nesses programas. (LM e HM)



Luana tatuou o nome do ex-companheiro no braço esquerdo: abusos

GRANA CURTA

Repasses de recursos federais para o programa de ações integradas de enfrentamento ao abuso, tráfico e exploração sexual de crianças (Pair)

2011:

R\$ 4,8 MILHÕES

2012:

R\$ 2,4 MILHÕES

2013:

R\$ 1,3 MILHÃO

* Todos os nomes de jovens usados na série são fictícios, em respeito ao Estatuto da Criança e do Adolescente

PREOCUPAÇÃO COM AS FÉRIAS

A antecipação de férias por conta da Copa do Mundo pode agravar as violações dos direitos da infância durante o evento. "Durante o evento, todas as crianças estarão fora da escola, e nós sabemos que muitos pais não têm com quem deixar seus filhos. Dessa forma, as crianças ficarão ainda mais expostas, esse é um fator de risco", alerta a coordenadora de programas da Childhood Brasil, Anna Flora Werneck.

No porto de Salvador, onde já é grande a circulação de crianças e adolescentes, o problema deve se agravar durante a competição. Kelly*, 13, Marta*, 16, e Joana*, 17 deixaram as casas onde moravam com suas famílias para viver na rua. Circulam diariamente pelo terminal. "É melhor suportar a rua do que a minha casa, com meu padrão bebendo e infernizando a minha vida", justificou Marta. Das três, Kelly é a única que ainda mantém relações com a família. As outras duas garotas estão sempre juntas, para tentar se proteger da violência. Joana é filha de traficantes. Não tem casa desde os 5 anos. Acostumou-se a receber ofertas sexuais, em troca de R\$ 5.

Virar mulher precocemente nas ruas de Salvador exige algumas manobras pela sobrevivência. Meninas raspam os cabelos e tentam esconder os seios, para se passar por garotos. "Assim a gente fica mais de boa. Até os policiais mexem com a gente, tia", conta Gabriela*, 12 anos. Educadores de organizações como o Projeto Axé, que trabalha com a busca ativa (método no qual os educadores vão às ruas para sensibilizar as crianças e levá-las para atividades artísticas e educacionais), têm dificuldade em diferenciá-los por gênero. Às vezes, muito além de si mesmo, é preciso se tornar o que a rua pede. (LM e HM)

LEIA AMANHÃ

Trabalho infantil é a violação mais visível nos portos.

